

DECLARAÇÃO DE COCHABAMBA

XXXV REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO INTERCIÊNCIA - ASSOCIAÇÃO BOLIVIANA PARA O AVANÇO DA CIÊNCIA (ABAC)

O dever supremo dos homens e mulheres que dedicam sua vida ao estudo e à ciência é o de compartilhar seus conhecimentos, descobrimentos e inquietudes com a humanidade inteira pois todos os seres humanos compartilhamos o desejo, mais que de sobreviver, de viver bem como espécie sobre a face da terra.

No cumprimento desse dever supremo, as delegações dos países membros da Associação Interciência presentes em Cochabamba, e o Vice-Ministério de Ciência e Tecnologia da Bolívia, constataram que as percepções das nações indígenas têm sido ratificadas através da análise dos números que demonstram as medições da temperatura de nosso planeta, o retrocesso de suas geleiras, o incremento da contaminação atmosférica, hídrica e dos solos, a diminuição alarmante da superfície coberta pelos bosques e o conseqüente processo de desertificação, e que, deste modo, as previsões mais sombrias estão em curso de se tornarem realidade. Coincidimos com o Grupo Intergovernamental de Entendidos sobre a Mudança Climática em que os números confirmam esta mudança e que além disso cabe mencionar a existência de outros danos substanciais causados pelas ações humanas.

Tem sido constatado que o compromisso dos países ricos, incluídos no Protocolo de Kyoto, de diminuir a emissão dos gases que provocam o efeito estufa, não tem alcançado os objetivos combinados. Os efeitos deste incumprimento são sentidos ao longo do nosso continente. Como exemplos deste impacto podemos mencionar a expansão da malária nas terras altas dos Andes, a escassez e encarecimento dos recursos hídricos e a agudização da pobreza.

Por isto, os cientistas participantes da XXXV Reunião Anual da Associação Interciência, desejamos exortar aos nossos governos para que levem a sério a saúde deteriorada do planeta e não somente se preocupem retoricamente em suas declarações de boa vontade, mas que se ocupem efetivamente implementando as mudanças profundas que a continuação propomos:

1. Reconhecer que o modelo atual de desenvolvimento é insustentável para o planeta. É essencial (re)construir uma nova visão econômica enmarcada na equidade social e a integração espiritual.
2. Reconstituir a dimensão espiritual e ética para redesenhar nossa relação com a natureza. A ciência requer considerá-las como parte essencial do desenvolvimento. Os cientistas reconhecemos que além do quantitativo está o espírito do ser humano e com ele, está a vida. Por isto é necessário redefinir o conceito de desenvolvimento para que se sustente em valores espirituais, excluindo o convencimento de que a única fonte de felicidade é a posse de bens materiais.
3. Mudar o modo de vida das sociedades, especialmente as que mais desperdiçam, essa é a magnitude de sua responsabilidade para com a humanidade. É inegável que o desperdício no seio de algumas sociedades é responsável pelo alto preço que paga toda a humanidade e a vida no planeta.
4. Exigir a todos os líderes do mundo que promovam a filosofia do viver bem, investigando, antecipando e prevenindo o desperdício, mediante a prática de Reduzir, Reciclar, Reutilizar, Restaurar, etc.
5. Exigir aos governos que impulsionem uma mudança de políticas na área da educação, da planificação e conservação do patrimônio natural, com uma visão holística.
6. Incorporar a Sociedade Civil, a fim de que junto ao Governo, a Academia e a Indústria, contribuam em cada país com o esforço global para salvar ao planeta. A educação, a investigação, sua divulgação massiva e sua aplicação, devem fomentar a tomada de consciência sobre o crítico estado da Terra e devem ser o instrumento social para impulsionar a mudança de atitude que a conservação da vida exige. Recordamos que, como sempre, a esperança reside na intervenção da juventude para uma tomada de consciência ativa sobre porvir do mundo.
7. Reduzir drasticamente a exploração dos bosques naturais e estimular o uso de madeira proveniente de bosques reflorestados ou

artificiais. Promover a agroecologia, a agroflorestaria e as práticas sustentáveis. Apoiar a incorporação de novos materiais, ou alguns tradicionais que houvessemos descartado, para substituir aqueles cuja exploração causa dano à natureza.

8. Revalorizar os saberes dos povos originários indígenas e camponeses e iniciar um processo de diálogo que busca a complementariedade entre conhecimento científico moderno e o saber ancestral em condições de equidade.
9. Reafirmar a necessidade de uma mudança de mentalidade:
 - Que promova a redução do consumo desnecessário, o imediato uso das energias limpas ou renováveis e a rápida substituição da energia fóssil evitando as formas de obtenção de energia que atentam contra a vida.
 - Que reconheça que a carestia da água vai ser catastrófica e que sendo direito universal, não respeitará fronteiras. Por isto, o acesso de todos à água deve ser considerado um direito fundamental respeitado por qualquer tratado internacional.
 - Que fomente um uso sustentável dos recursos naturais e seu acesso e distribuição equitativos à população.
 - Que se garanta a alimentação, a saúde e a soberania alimentária.
 - Que reconheça que a comunidade científica tem estabelecido que a extinção de numerosas espécies de plantas e animais é inevitável por causa da contaminação ambiental, e que se comprometa decididamente para impedi-lo.
10. Recordar uma e outra vez que, assim como a responsabilidade do aquecimento global e a contaminação ambiental não é uniforme, o sofrimento causado pelas conseqüências das mesmas também não é nem será uniforme, pois castigará em maior medida às comunidades marginalizadas, aos povos empobrecidos e às nações que não contem com os recursos necessários para defender-se. Por isso, a responsabilidade não deve avaliar-se unicamente em milhões de dólares senão além disso em termos de vontade real para mudar de atitude e de modo de vida. Os recursos necessários para esta remediação, deverão prover principalmente dos países que mais responsabilidade tenham na mudança climática e a deterioração ambiental. Se os países altamente contaminantes assumem uma atitude realmente responsável, nós por nossa parte estamos dispostos a contribuir a mitigar e combater os efeitos nocivos da mudança climática, a coadjuvar a resolver a deterioração ambiental e cultural do planeta, cumprindo os acordos internacionais sob um compromisso de uma compensação justa e um compartilhar equitativo e fraterno de conhecimentos e tecnologia.
11. Reafirmar que todas estas aspirações e ações não serão possíveis sem uma cooperação solidária internacional, em particular regional, enérgica e efectiva para desenvolver investigação local, apropriada e participativa. Não esqueçamos jamais que os homens e mulheres de ciência, com o instrumento de sabedoria do conhecimento adquirido, temos a obrigação de ser a voz das espécies menores pois somos responsáveis de perpetuar o amanhã mediante a comunicação e a educação, sendo para isto severos e persistentes se for necessário.
12. Considerando os encontros anuais da Associação Interciência, ocasião em que participam grandes personalidades da comunidade científica do Continente Americano e de outros continentes, permitindo contribuições muito valiosas na solução dos problemas dos países membros; se recomenda que os governos dos países facilitem e apoiem financeiramente a seus representantes ou delegações de suas Associações para o Avanço da Ciência, dessa maneira garantindo a participação de seus cientistas na análise, reflexão e propostas de solução aos problemas de interesse comum dos países.

Senhores líderes e governantes, esta vez o anúncio de uma grave dor social quase eminente não é o fruto doutrinal de uma tendência política, senão o anúncio de um fato fundamentado pela ciência.

Cochabamba, Bolívia, 6 de novembro de 2009